

2018: O ANO DO ETANOL

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

*“A esperança é o sonho
do homem acordado”*

Aristóteles

O ano de 2018 começa de uma forma diferente da dezena de anos anteriores, onde o medo sempre vencia a esperança. E vale, nesse espaço, tecer comentários sobre como veio a nova esperança, sob a máxima de que a melhor forma de prever o futuro é criá-lo.

A cadeia agroindustrial canavieira no Brasil, que varia entre ser a 2ª ou a 3ª entre todas as outras que compõem o agronegócio, mas com uma área muito menor em cultivo, é resiliente e persistente. Vários foram os ciclos negativos nos quais o setor canavieiro mostrou essas características. Na verdade sobreviver ao período de 1991 a 2004, respirando e recompondo forças de 2004 a 2009, para enfrentar o bolivarianismo até 2016, produzindo e insistindo em suas teses, trouxe ao setor essa imagem de resistência, que o fez atravessar o vale de angústia, sendo claro, no entanto, as importantes perdas de empresas setoriais que ficaram no caminho.

O momento vivido no país, em 2018, revela estimulantes questões: a economia se recupera, devendo ter crescimento (PIB) de algo em torno de +3,5%; a justiça, aos trancos e barrancos, faz o seu papel (devo deixar o meu profundo apreço aos juízes de 2ª Instância do Rio Grande do Sul); o mundo conspira para as energias renováveis com o apoio do petróleo, o que é formidável... e por aí vai. Na medida em que se recupera e mostra competitividade, os investimentos voltam também apoiados na imagem de um novo Brasil, que se consolida!

A travessia da “ponte da angústia”, do vale citado antes, traz uma recordação de Cecília Meirelles escrevendo *“quero a memória acesa depois da angústia apagada”*. Essa frase tem enorme relevância no Brasil de fraca memória e enorme contingente de políticos oportunistas. No Brasil, em ano de eleição para cargos majoritários e Legislativo Federal, o teste das urnas será revelador. Uma eleição que sacuda as árvores e derrube os malfeitores, ao mesmo tempo em que galhos inquebráveis busquem no solo benfeitores potenciais que substituam a corrupção pelo patriotismo e que saibam despertar o lado produtivo no caminho do desenvolvimento sustentável, o ano de 2018 será excepcional. Como no agronegócio, onde o plantio bem feito suporta toda uma cadeia produtiva, a soma delas todas recupera o país.

O ano de 2018, para o setor sucroenergético vem mostrando um quadro cheio de variáveis mas com atenção a algumas essenciais:

- a) A realidade da política de intervenção de cada país, desde a Arábia Saudita passando pela Rússia e EUA, no campo energético, criou um novo patamar de preços que é uma referência de interesse geral! Isso é novo;
- b) Petróleo entre US\$ 65 a US\$ 70/barril, com a nova política para os preços dos derivados do petróleo no Brasil (na refinaria) implantada pela Petrobrás desde o início do mês de julho/17, onde esses preços acompanham os do mercado internacional, deixam o consumidor confuso pois viveu anos sob negativa intervenção de governo, mas dão visibilidade e previsibilidade ao setor produtivo;

- c) A ativa participação internacional do governo brasileiro na COP 21, em Paris, com a posterior ratificação pelo governo atual da lógica da descarbonização, teve, do lado privado, intensa articulação dos biocombustíveis e dos setores ligados ao iLPF - integração lavoura, pecuária e floresta. O Brasil saiu muito bem na foto e, a partir daí, os esforços da UNICA e do Fórum Sucroenergético, na ponta produtiva da cadeia, suportada pelas entidades dos produtores de cana como a Unida, FEPLANA e a ORPLANA, entre outros, das empresas de bens de capital e da ANFAVEA, de forma muito positiva, foram abraçados pela Frente Parlamentar da Agricultura e outras, sob a batuta impecável do Ministério das Minas e Energia, criando e aprovando o RenovaBio, lei sancionada pelo Presidente da República.

Essa verdadeira ruptura ao que se viu desde 2002, quando houve a última política setorial, transforma positivamente a confiança injetando sangue novo nas artérias, ainda em parte obstruídas, do organismo canavieiro.

Às mudanças globais aceleradas no Século XXI onde as siglas são Agricultura 4.0, Indústria 4.0, com velocidades que vão sepultar os lentos, o RenovaBio se impõe como uma marca moderna à altura do momento vivido no mundo. Nesse campo, onde o país vivia à deriva nas concepções modernas, há futuro e ele é promissor.

Os principais negócios, na Agenda do Brasil, estarão girando em torno do Agronegócio, da Indústria Automobilística e da Indústria do Petróleo, em um mundo abarrotado de liquidez e de olho em aplicações que tenham perspectivas e sejam competitivas. O que isso significa?

Em primeiro lugar, a obrigação de estar sintonizado com a velocidade das mudanças nesse mundo digital, revendo estratégia, estrutura de representação e de produção e a qualidade dos recursos humanos. Com frases como *“adapte-se ou morra”* a McKinsey coloca em termos radicais esse mundo novo. Nesse ponto, coloca-se o tema dos produtores setoriais e as condições do mercado: o outro lado da nova moeda é o conservadorismo de proteções e de subsídios, em alta até como um tipo *“a visita da saúde”*, que sufoca o produtor açucareiro do Brasil, que tem saída nas ações na OMC e no etanol; o fato dos preços do etanol em 2018 estarem bem acima dos preços do açúcar indica outra estratégia!

Em segundo lugar, com os preços do petróleo condicionando os preços das commodities que tem seus derivados em largo volume atrelados ao consumo de combustíveis renováveis e, portanto, aos preços da gasolina (etanol) e diesel (biodiesel), a lógica Agro/Petróleo/Montadoras de Veículos ganha a dimensão da criação do RenovaBio que estimulará os ganhos de eficiência que levam a preços competitivos e melhoria ambiental pela descarbonização, em ambiente de mercado.

Em terceiro lugar, o momento 2018 trará troca de Ministros e é quando a regulação do RenovaBio terá seus passos mais importantes. Salienta-se a importância que ela não burocratize a lei, não dê a chave da lógica do mercado à caneta do administrador público e que não crie novos agentes no caminho. Isso será fundamental para atrair o capital via moderna regulação, onde sua construção seja filha do diálogo, como foi a criação do RenovaBio.

Com a característica de ampla participação da cadeia produtiva, a esperança via governança competente dos vários atores enfrentará os anos de 2018 e 2019. Somente a partir de 2020 é que o novo modelo se instala definitivamente.

O ano de 2018 mostra um mundo com bom estoque de açúcar e com perspectivas de aumento de oferta de países suportados com políticas que distorcem o mercado, infelizmente. No entanto, felizmente, no centro da tecnologia tropical, Brasil, o etanol vê ressurgir as oportunidades que estarão, nesse ano, sob 2 bandeiras: Uma, externa, que é o preço do petróleo, que mostra a tendência de permanecer nos patamares de preços de hoje; Outra, o mix de produção a ser efetivado no Brasil em 2018/19, que deve ter expressivo aumento na oferta de etanol, atendendo o crescimento do consumo do Ciclo Otto e ajudando os preços do açúcar.

Vale ressaltar, que os preços do açúcar são tão maltratados na lógica de mercado livre, que correm às avessas aos do petróleo. Esse é um ponto muito grave às pretensões brasileiras e que merece a tarja de prioridade!

Após anos de textos críticos, este traz a leveza das palavras alegres, esperançosas. À espera das obras efetivas que falem ao coração, que as palavras pelo menos alegrem a alma.

Esquema de funcionamento do RenovaBio

